

JOGOS ADAPTADOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA: EXPERIÊNCIAS NA ESCOLA PÚBLICA DA PERIFERIA DO RIO DE JANEIRO.

SÉRGIO HENRIQUE CARDOSO DA SILVA
Rio de Janeiro/RJ
henriquecs.sergio@gmail.com

Introdução:

A educação sempre figura nas propostas políticas de diversos candidatos a qualquer cargo eletivo no País. A educação, portanto é considerada uma ferramenta ideológica que pode representar a bola de ferro amarrada aos pés ou pode ser a representação das asas do desenvolvimento de uma nação.

A ideologia rege os caminhos da educação e, portanto assume um papel duplo no sentido de ser “positivo” ou “negativo”. Os dois adjetivos estão entre aspas porque representam uma relatividade. A ideologia está a serviço das diferentes classes sociais, que, por conseguinte têm interesses históricos e imediatos diferentes, talvez antagônicos.

A escola como uma célula social responsável pela instrução e transmissão cultural precisa estimular o desenvolvimento da ciência e de pesquisa para que as “verdades” e as “não verdades” sejam entendidas como uma forma de esclarecimento da população na defesa das verdades. Como sintetiza SOBRINHO (1986:17) “a ideologia é o resultado da ‘maior ilustração’ e da educação”.

Outrora a educação era tida como uma imperiosa função na sociedade. A educação era privilégio das classes dominantes, que davam importância capital para a apreensão de informações gerais e específicas, passando pelas habilidades e adestramento. Os alunos que tinham dificuldades eram avaliados pelos seus erros. O erro poderia culminar com um castigo ou ensinar uma virtude, LUCKESI (2002:48) relata:

A visão culposa do erro, na prática escolar, tem conduzido ao uso permanente do castigo como forma de correção e direção da aprendizagem, tomando a avaliação como suporte da decisão. Todavia, uma visão sábia do erro possibilita sua utilização de forma construtiva.

O erro, nas classes populares representavam o fracasso, que era visto sem importância, pois as pessoas eram treinadas para trabalhar nas fábricas, então a ideologia servia a diferentes classes, cujos interesses, também tinham suas distinções. PERRENOUD (2001:16) comprova: “sempre houve fracassos, porém eram parcialmente ocultos pela importância dos abandonos ou pela ausência total de escolarização”.

Atualmente estas características deram lugar a uma educação inclusiva, em que inclusão rima com diversidade. Diversidade, inclusive de conteúdos previamente planejados. O que se percebe é que os alunos recebem como prática desportiva uma quantidade de atividades que agrega pouca qualidade à informação e de experiência capazes de trazer a baía do conhecimento formal o debate, a dúvida e a discordância. Estes são elementos importantes para motivar a investigação e a pesquisa escolar com a finalidade da busca pela informação e, a conseqüente ampliação do conhecimento. Uma outra percepção é a tendência em desportivizar o esporte na escola. BRASIL (1998:62) ratifica esta reflexão: “rompe com o tratamento tradicional dos conteúdos que favorecem os alunos que já têm aptidões”

É muito relevante o desenvolvimento dos chamados, *esportes escolares*: futsal, voleibol, basquetebol e handebol. Mas precisamos ampliar este conteúdo, pois se mesmo estes, não estiverem atrelados a um contexto sócio-educacional, correm o risco de serem reducionistas.

Este trabalho vem sendo desenvolvido por três professores e a coordenadora pedagógica no Colégio Estadual Professor Murilo Braga – Cidade de São João de Meriti.

O conteúdo foi planejado em função de uma pesquisa informal sobre inclusão e esportes adaptados, na perspectiva das deficiências, com alguns alunos de turmas diversas. A história, citada por BETTI (in GONZÁLEZ & FENSTERSEIFER – 2005:150) diz que a educação física é “fundamentada basicamente no conhecimento médico, daí a influência do higienismo”, SILVA, SEABRA JUNIOR e ARAUJO (2008:13) mostram que surgem “os avanços da ciência e da educação, a partir do final do século XV”, mas é preciso ampliar esta observação e entender, por exemplo, que é importante um outro campo de debate sobre questões de inclusão e deficiência que não seja apenas a médica. Áreas de conhecimento como a educação física pode auxiliar no tratamento de uma pessoa com deficiência, é notório que certas atividades não são muito indicadas, mas SABA (2008:299) apresenta uma adversidade: “mas sempre há uma maneira de manter o corpo ativo dentro das possibilidades individuais”.

Ao submeter às turmas, dos ensinamentos fundamental e médio, aos conteúdos dos esportes adaptados houve uma movimentação diferente entre os alunos, pois a novidade causou curiosidade. As novas formas de jogar e colher informações, do ambiente, explorando canais sensitivos diferentes ou pouco utilizados foi suficiente para agregar as pessoas. Os esportes utilizados foram escolhidos de acordo com as possibilidades de praticá-los, portanto os alunos experimentaram o futsal e corridas para cegos, lançamento de disco para paraplégicos, tênis de mesa para usuários de cadeiras de rodas e voleibol sentado.

Justificativa

A educação pouco atrativa despertava uma falta de interesse dos alunos em relação aos conteúdos;

Os conteúdos afastados do contexto social não deixavam claras as suas funções;

Há tempos, na educação, vem se discutindo a educação inclusiva para alunos com deficiência e pouca mobilidade;

Os esportes adaptados trouxeram uma alternativa diferente de atividades para os alunos;

O debate sobre pessoas com deficiência sensibilizou os alunos em relação às diferenças e acessibilidade.

Objetivos

Os alunos devem sentir-se integrantes da sociedade para transformá-la sem deixar de perceber os elementos a sua volta para se relacionar com eles e contribuir ativamente para a melhoria comunitária.

Objetivos Específicos

Discutir a importância do termo inclusão, através de debates e observação de exemplos cotidianos.

Exercitar os jogos adaptados, como forma de se sentir no lugar de pessoas com deficiência.

Pesquisar o universo dos esportes adaptados, tomando como base os diversos meios de comunicação.

Estudar, sucintamente, as diversas condições de deficiência e/ou pouca mobilidade para reconhecer as estratégias de acesso disponíveis na sociedade.

Metodologia da pesquisa

O Colégio Estadual Professor Murilo Braga é um local fértil para ensaios pedagógicos. São diversos projetos educacionais que se realizam ao longo de sua história.

O projeto de desenvolver o conteúdo através dos jogos adaptados na Educação Física Escolar foi desenvolvido a partir do descontentamento dos alunos e de três professores de educação física, que se apoiaram nas orientações da coordenadora pedagógica para repensar o conteúdo para aquela disciplina.

O projeto, portanto foi realizado através de uma pesquisa aplicada, quantitativa, descritiva, explicativa. Com fontes de dados oriundos do campo e bibliográficas.

Foram feitas perguntas abertas a fim de saber o que os alunos gostariam de ter como conteúdo nas aulas de educação física. A pesquisa foi a partir de momentos nas aulas referentes ao segundo bimestre, 2009. Após a oficina de consulta aos jovens, foi gerado um questionário com questões de caráter quantitativo e submetido à direção e à coordenação pedagógica da escola.

Antes das aulas práticas, porém houve uma sensibilização dos alunos do ensino fundamental e médio, no que tange às questões que passam pela inclusão, acessibilidade e deficiências. Obviamente, houve algumas resistências em diversas turmas porque a novidade os chocou, sobretudo pelo fato de vivermos num mundo que valoriza pouco as diferenças, logo, ficou claro para todos que a segregação de uma pessoa com deficiência gera o isolamento e a não participação na sociedade; eles entenderam que deficiência não é uma doença, é uma condição gerada pela doença, portanto uma pessoa que tem uma deficiência não é inteiramente deficiente, e; a inclusão física, apenas, não tira o sujeito do isolamento, é preciso mudar a atitude.

A amostragem foi definida em função da disponibilidade de um dos professores e contou com o apoio dos outros dois para a aplicação dos questionários e preparação do material didático. No universo de 204 alunos divididos em cinco turmas, aplicamos o questionário em 166, dos quais não eram obrigados a responder e, em algumas questões poderiam responder mais de uma opção. O questionário continha 11 (onze) questões que foram respondidas individualmente em sala de aula, no final do período de aula, referente ao primeiro semestre.

De todas as questões respondidas os dados foram organizados e quantificados.

A questão que tem a finalidade de checar os esportes que são praticados pelos alunos durante as aulas de educação física comprovou que o futsal (34%) é o mais explorado pelos professores enquanto proposta pedagógica desde o sexto ano, passando por todo o ensino fundamental até atingir o terceiro ano do ensino médio. Seguem na seqüência o voleibol (25%), o basquetebol (20%), o handebol (19%), o xadrez (0,16%) e a dança (0,08%).

Em relação à preferência dos jovens alunos, percebe-se que o futsal (35%) continua sendo a opção maior, MURAD (2009:77) justifica o futebol “por ser a mais popular das modalidades” e ratifica esta constatação com base na sociologia marxista, pois ela analisa áreas da educação física, sobretudo o esporte. Alguns estudos mostram como o esporte de massa manobra o comportamento da população, ainda em MURAD (2009:77), o autor aponta que com “maior freqüência as questões relacionadas ao ‘uso político’ do futebol pela ‘classe dominante’, com a finalidade de ‘alienação das massas’”. A ascensão através do futebol mostra alguns jogadores que viraram ídolos e fizeram fortuna, na profissão. Esta é uma motivação nutrida na cultura da necessidade, RIBEIRO (2005:36) mostra o imaginário coletivo dos familiares: “aquele menino será um jogador de futebol, e com essa habilidade somada ao incentivo geral nosso herói busca neste esporte meios para ascender socialmente”.

Na análise das respostas há uma diferença de dez pontos percentuais entre o futsal e o voleibol. Porém o handebol, com 21%, faz mais sucesso que o basquetebol, que registrou apenas 13% da preferência dos alunos. Entretanto, percentualmente, a dança teve uma considerável recuperação são 0,24% contra 0,04% que optaram pelo xadrez.

Ao tratar das deficiências, em geral, o questionário referiu-se a visual, auditiva, mental/intelectual e física/motora. Este foi um questionamento que mostrou que a escola tem muito conteúdo a acrescentar aos alunos, pois houve um equilíbrio entre as 456 respostas, já que cada um poderia responder mais de uma opção. A diferença entre a mais conhecida e a mais desconhecida é de oito pontos percentuais. A deficiência visual, que gera a cegueira ou a baixa visão, apresentou 28% de manifestações de conhecimento e a física/motora foi relatada por 20% dos alunos. A deficiência auditiva (26%) recebe a denominação atual de “surdez”, simplesmente, embora haja variação no nível de audição. E a mental/intelectual está relacionada a pessoas com dificuldade de aprendizado escolar, inclui-se o autismo e a síndrome de Down, recebeu 25%.

Pensar o ambiente físico é importante para o desenvolvimento de estratégias na sociedade para deixar os espaços e trajetos livres de obstáculos. Neste caso surgiu uma boa oportunidade para discutir, com os alunos, a interdisciplinaridade. As estratégias para um ambiente melhor passam pelo conhecimento da arquitetura e do meio ambiente, logo, a observação do meio passa por um olhar treinado e com fulcro na interdisciplinaridade para que se torne complementar. FAZENDA (2002:17) ilustra: “pensar interdisciplinar parte do princípio de que nenhuma forma de conhecimento é em si mesma racional”. Com esta introdução ficou claro que as respostas sobre as estratégias para acessibilidade foram sugeridas de forma multilateral. No universo de 150 respostas, 54% sugeriram rampas para facilitar o acesso aos lugares públicos e privados. O montante de 22% optou pelo elevador. Outras respostas (24%) foram consideradas, ainda: ônibus e carros adaptados, semáforos sonoros, corrimão nos corredores e escadas, escadas rolantes, ambientes livres e orelhão com desnível no chão. Os esportes adaptados têm apresentado uma boa representatividade em função dos resultados obtidos pelos paratletas nas últimas competições de âmbito mundial, como: Pequim e Rio de Janeiro.

A partir do questionário, obteve-se 128 respostas, este número representa 77% de alunos que votaram, pois os outros se abstiveram por razões diversas. De todos que assinalaram 69% disseram que conheciam os jogos adaptados ou já haviam ouvido falar, enquanto que os outros 31% não conheciam esta modalidade esportiva. O desdobramento da questão oportunizou cada um a citar, aleatoriamente, os esportes que conheciam, portanto 43% apontaram o futebol para cegos; 31%, o basquete em cadeiras de rodas; 11%, voleibol; 0,5%, futebol para amputados; 0,4%, natação; 0,3%, corridas, e ; 0,1%, tênis de mesa.

Na luta em favor de uma educação física capaz de trazer mais e melhores informações para a formação de um aluno como cidadão, que apresente discernimento para compreender como a sociedade se manifesta e como ele se localiza em diversos estratos sociais.

Atualmente, fala-se em tecnologia para a educação, mas corremos o risco de um reducionismo de conteúdos e costumes se esta automação seguir uma linha empreendedora, cujos próprios conteúdos sejam ditados pela política da demanda do mercado. Desta forma, as escolas formarão mão de obra para atender o mercado. O mercado informatizado, acelera o processamento dos dados e melhora a viabilidade da mensagem, mas não há nada mais interativo do que a o processo de produção. Se o trabalhador teve seu trabalho alienado na Revolução Industrial, parece que este fenômeno está se repetindo, pois as pessoas estão isoladas nas modernidades das tecnologias.

Neste sentido foi importante submeter os alunos ao questionamento sobre a importância dos jogos adaptados como conteúdo pedagógico para as aulas de educação física. O resultado mostrou 90% em favor destes jogos. Os motivos foram diversos, os 10% que não aceitaram o conteúdo válido responderam que “não precisamos destas atividades”. O teor desta resposta serve como um indicador, pois nem todos aderiram a proposta. Por outro lado, após resistência inicial, 33% responderam que “aprende melhor”; 23% perceberam “como um deficiente se sente”; 18% gostaram de “conhecer o cotidiano do deficiente”, e; as demais respostas foram semelhantes.

A sociedade ocidental e capitalista não foi e nem está preparada para acolher os diferentes as pessoas nascidas com deficiência eram sacrificadas, “incluindo o abandono à própria sorte em ambientes a ermos e perigosos até a morte por inanição ou banimento”, concluem SILVA, SEABRA JUNIOR e ARAUJO (2008:16). Classifica-se como diferentes as pessoas com deficiências. O termo inclusão está muito em voga, mas a inclusão física precisa ser incrementada de valores mais solidários e justos. Uma pessoa é discriminada pela deficiência que apresenta, mas fica muito evidente que o seu descarte é em função da sua falta de produtividade no mundo econômico, portanto uma “inclusão moral”, como diria GLAT (2005:72) admitiria que uma pessoa está deficiente em apenas uma parte do corpo, o que dificulta sua ação, mas não a impede de participar ativamente na sociedade.

Uma outra questão concernente a este assunto indaga os alunos quanto a sensação de praticar esportes para deficientes. De todos os 124 alunos que responderam, 32%, portanto a maioria respondeu que “sentiu-se deficiente e agora podemos dar mais valor a vida”; 39% sentiu-se bem; 12% acharam muito difícil; 11% gostaram da experiência nova; mas 0,3% sentiu-se mal. Este percentual significa quatro jovens que apresentam problemas do gênero com familiares, por este motivo o conteúdo e o material didático usado trouxeram a estes mal estar.

Considerações Finais

Não se pretende, neste texto, chegar a conclusões fechadas. A educação ainda recebe credibilidade da população, os jovens ainda estão carentes e ansiosos por atividades. Os resultados mostraram que alunos, de ambos os sexos e idades variadas, apresentaram a espontaneidade própria da idade. Os domínios psicomotor e cognitivo se evidenciaram no seio das atividades e o domínio afetivo mostrou que as aulas estavam para além dos muros da escola, pois os alunos levaram a informação para suas casas e outros alunos trouxeram respostas, através de depoimentos, mostrando como procederam juntos às pessoas que encontraram com deficiência.

Bibliografia:

- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental**. 1998.
- FAZENDA, I, C, A, (coord). **Práticas interdisciplinares na escola**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- GLAT, R. **A integração social dos portadores de deficiência: uma reflexão**. Ed 7 Letras, 3ª.ed, Rio de Janeiro, 2005.
- GONZÁLEZ, F, J. & FENSTERSEIFER, P, E. (org.). **Dicionário crítico de educação física**. Ijuí. Unijuí, 2005.
- LUCKESI, C, C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- MURAD, M. **Sociologia e educação física: diálogos, linguagens do corpo, esportes**. Rio de Janeiro: Ed FGV, 2009.
- PERRENOUD, P. **A pedagogia na escola das diferenças: fragmentos de uma sociologia do fracasso**. Porto Alegre. Artmed, 2001.
- RIBEIRO, C. H. V. **Mais do que pendurar as chuteiras: o futebol que investe no social**. Niterói: Nitpress, 2005.
- SILVA, R de. F., SEABRA JUNIOR, L. & ARAUJO, P. F. **Educação Física Adaptada no Brasil: da história à inclusão educacional**. São Paulo: Phorte, 2008.
- SOBRIÑO, E. **Ideologia e educação: reflexões teóricas e propostas metodológicas**. São Paulo. Cortez: autores associados, 1986.

SÉRGIO HENRIQUE CARDOSO DA SILVA
Rua Dr. Bernardino, 116 - Casa 10 - Jacarepaguá
Rio de Janeiro/RJ
henriquecs.sergio@gmail.com